

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: Direitos Indígenas

Data: 2 de fevereiro de 1982

Pg.: DINR 0030

Direitos Humanos

190
Já não se encontra mais, entre os índios, em parte alguma, aquela figura venerável do velho pajé — misto de sacerdote, profeta e feiticeiro — que ora previa tempestade, bonanças, confortava os aflitos, irradiava sabedoria, enquanto cachimbava.

Também o cacique valente, orgulhoso de sua nação, visto em filmes e na literatura, o mundo moderno fez substituir pelo chefe político, que negocia, avança ou recua de acordo com as conveniências da hora. Meu reino por um cavalo. Vide Juruá.

Em resumo, não seria nos caciques de hoje que Gonçalves Dias encontraria inspiração para engendrar a história de "Y Juca Pirama": "Covarde Tu Foste/Meu filho não és". Sábios conselhos: "Não chores, meu filho/Não chores/Que a vida é luta renhida/viver é lutar".

No entanto, quem aprecia as lições de vida, deve estar sempre atento ao que diz um índio. Mais próximo do estado de natureza, isso talvez lhe permita algum tipo de contato com a consciência cósmica — quem sabe? — inatingível para o comum dos mortais.

De fato, o índio não civilizado é uma das poucas pessoas nesse mundo que ainda desfruta, em parte, daquele estado de felicidade, vivido um dia pela humanidade, segundo Rousseau. "Depois, o homem se organizou em sociedade. Fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, transformando até mesmo uma usurpação esperta em direito irrevogável".

De acordo com a teoria de Rousseau, a humanidade primitiva, enfastiada de ser feliz (felicidade também cansa), desagregou-se em forças inimi-

gas e, desde então, se combate e se destrói. A humanidade dividiu-se em grupos muito pobres e muitos ricos, muito fracos e muito fortes, muito tristes e muito alegres.

O índio inclui-se, com toda certeza, na legião brasileira dos muito tristes. Ainda agora, na recente tragédia das Sete Quedas — um caso típico de incuria e incompetência — insinuaram que um pobre índio, andarilho daquelas bandas, seria o culpado de tudo. Teria invocado os deuses, quem sabe Tupã, para fazer ruir a bela obra.

O índio (será um Tapuia?), com aquela tranquilidade própria de seus avoengos, respondeu: "Eu sou o culpado. Eu sou índio. No Brasil, índio, preto e pobre são culpados de tudo". E nada mais disse, nem lhe foi perguntado. Em seguida, chorou. Não se sabe se pelas vítimas da ponte ou se lamentando a própria sina.

Alfeu BARBOSA

Não importam, contudo, as razões do pranto derramado, mas as palavras cheias de sabedoria, para um índio recém-ingressado no temerário universo dos caras-pálidas.

Tudo indica que esse índio, por efeito, talvez, de uma regressão atávica, é um sábio e um bravo. Falou verdade. O índio (e não somente o índio) é sempre culpado: ainda sobrevive, entre nós, de forma dissimulada, o espírito das ordenações do reino. Essas ordenações, o Código Penal da época, vigentes no período colonial brasileiro, impunham as tais "penas infamantes", que alcançavam até a quarta geração dos condenados.

Pois é isso, colega. Toda vez que suspeitam de um índio ou de um preto, estão dizendo: "Se não foi você, foi seu pai".

Os direitos humanos? Ora, os direitos humanos!